

PRODUÇÃO E QUALIDADE DO CAFÉ

CONSIDERAÇÕES SOBRE O OPORTUNO PROBLEMA E DEBATES EM TORNO DO DESPOLDAMENTO DO CAFÉ

Em concorridíssima reunião semanal realizada a 27 de março último, o adiantado lavrador sr. Carlos Whately, proferiu uma interessantíssima e objetiva palestra sobre problemas da produção e comercialização do café, focalizando, destacadamente, a renovação e racionalização da nossa tradicional cultura, campanha em que se empenha há mais de três anos a Sociedade Rural Brasileira.

Tomando assento à mesa, além do vice-presidente, dr. Fias Sobrinho, que presidiu a reunião, o representante do sr. secretário da agricultura, eng. agrônomo Barros Ferraz, a exma. sra. d. Marieta Alves de Lima Meirelles, do Conselho Consultivo, prof. Benedito Montenegro, vice-presidente e outros diretores da entidade. O grande salão nobre da sociedade, encontrava-se repleto de cafeicultores de S. Paulo e Paraná, muitos deles vindos especialmente do interior para ouvir o ilustre fazendeiro de Bernardino de Campos.

A PALESTRA DO SR. CARLOS WHATELY

Eis, na íntegra, o brilhante trabalho do sr. Carlos Whately, que profunda impressão causou em toda a assistência.

"Quiz a diretoria da Sociedade Rural Brasileira certamente homenagear um velho cafeicultor, vinculado estreitamente à vida da nossa entidade e da lavoura cafeeira, ao indicar-me para continuar esta série de palestras sobre problemas agrícolas nacionais. Não me furti à aceitação do convite, embora consciente de que outros lavradores poderiam melhor do que eu falar sobre a renovação da cafeicultura brasileira, pela mesma razão que, faz algumas décadas, participo da vida associativa rural. Tenho a convicção de que todos os cidadãos, nas medidas de suas forças, devem cooperar para que os ideais, as reivindicações justas e os anseios de nossa classe encontrem eco. E, no momento, um dos anseios mais profundos da agricultura nacional é transpôr, definitivamente, os umbrais dessa porta que nos levará ao estágio racional e intensivo do trabalho agrícola. Nesse terreno, precisamente, o confronto das experiências individuais, a soma dos resultados positivos e a identificação das consequências negativas, são os maiores subsídios de que o Brasil poderá dispor, porquanto, à base das conclusões assim obtidas, podemos preconizar e exigir dos governos as providências adequadas, e fixar a tarefa que incumbe ao próprio fazendeiro executar para que, no final, ultrapassemos a fase "extrativa" da nossa vida agrícola.

Todos os lavradores, como disse acima, têm a sua parcela de experiência própria. É essa, com exatidão, a pequena contribuição que pretendo dar aos meus colegas, transmitindo-lhes os resultados que alcancei em meus cafezais e como os alcancei.

Para melhor fornecer aos senhores uma idéia do sistema que puz em prática para a exploração de minha fazenda, em Ipanjú, recorri à ajuda do cinema. Em 1955, mandei fazer um filme de minha propriedade, com o objetivo de fixar a imagem das diversas fases de trabalho que ali desenvolvemos para obter café, desde a adubação das árvores, até o despoldamento dos grãos da rubiçada. Esse filme, que foi exibido até mesmo na Colômbia, ser-me-á um auxílio inestimável: a imagem diz mais do que as palavras, e, além disso, ameniza a dissertação sobre um assunto que, não obstante esteja ligado à nossa própria vida, não deixa de ser árido.



O adiantado cafeicultor Carlos Whately quando proferia sua palestra sobre o oportuno problema cafeeiro do país, à qual se seguiram debates em torno do despoldamento do café.

Antes, porém, de entrar no assunto que hoje nos traz a esta Casa, permitam-me que, em rápida digressão, aborde o problema cafeeiro em suas linhas gerais. Considero indispensável impôr aos prezados amigos mais alguns minutos de permanência nesta sala, ouvindo-me. É que a digressão que farei serve de justificativa, inclusive, para o sistema de trabalho que durante toda a minha vida desenvolvi como cafeicultor.

Uma luta sem tréguas, de caráter econômico, deverá ser inevitavelmente travada, numa batalha decisiva para a sobrevivência cafeeira. A inércia, a desobediência aos imperativos da luta, ocasionarão uma irremediável derrota de consequências imprevisíveis. É preciso que se difunda esta verdade: os cafeicultores não trabalham apenas para o seu próprio interesse; a natureza e os resultados de sua atividade estão estreita e indissolúvelmente ligados aos interesses da Nação. De outro lado, se a cafeicultura impõe deveres, também confere direitos — e estes direitos precisam ser válidos, aliorar concretamente no conjunto econômico brasileiro.

Há quem assegure ter caído no descrédito, pela prolongada e frequente repetição, a afirmação de que o Brasil está à beira do abismo. O descrédito dessa afirmativa residiria no fato de o nosso país ter vencido todos êsses anos sem ter-se precipitado no abismo tenebroso, no caos econômico e político.

Mas a verdade é uma só: estamos na iminência de um colapso. O prolongamento da doença, não significa que o organismo a ela se tenha habituado. Ao contrário, os anos de debilitação pela moléstia, vão enfraquecendo cada vez mais as células vivas, até que estas não mais resistam ao menor impacto. E é isso, precisamente, o que vemos. E é êsse, precisamente, o quadro brasileiro. As advertências não foram levadas a sério, as prescrições para o mal não foram seguidas — e hoje constatamos que o êstio da economia brasileira, o